



O EX TER MINA DO DO FUTU RO



PEDRO BURGO

O IPAD VAI MUDAR REVISTAS, LIVROS, FILMES E
ATÉ A MANEIRA QUE NAVEGAMOS NA INTERNET



POUCOS DIAS ANTES DO LANÇAMENTO DO SECRETÍSSIMO IPAD, NO ÚLTIMO DIA 27 DE JANEIRO, STEVE JOBS DIZIA A AMIGOS: "ESSA É A COISA MAIS IMPORTANTE QUE EU JÁ FIZ". "A COISA MAIS IMPORTANTE" NO CASO DE STEVE JOBS NÃO PODIA SER POUCA COISA.

À frente da Apple, em 2001, ele virou do avesso a indústria de música com o iPod. Dois anos depois veio a iTunes Store, dotada de um sistema simples e eficaz de venda de músicas pela internet. Em 2007, o iPhone revolucionou o mundo dos celulares ao provar que além de ligações, telefones poderiam fazer coisas muito mais bacanas. E você nem precisaria de botões para isso.

Depois desses sensacionais acertos, as pessoas esperavam algo que mudaria o mundo quando começaram os rumores de que a Apple lançaria um tablet, o computador portátil, desprovido de teclado e com uma tela sensível ao toque dos dedos. O burburinho era tamanho que a prancheta eletrônica ficou conhecida na blogosfera como "Jesus Tablet", a tábua de salvação da mídia,

que iria revolucionar a nossa vida de maneira que nem sabíamos.

No fim das contas, o iPad que Steve Jobs apresentou ao mundo no fim de janeiro dividiu as pessoas. Os críticos chamaram o novo gadget de um simples iPhone gigante — uma observação justa, como você pode ver na foto. Mas era exatamente isso que a Apple queria: o iPad é, por dentro e por fora, a soma das grandes sacadas de Steve Jobs, só que maior. Se tudo correr como o planejado, o iPad pode mudar não só a maneira com que consumimos jornais, revistas, programas de TV, filmes e videogames. Mas a maneira que a arte e o conteúdo de mídia em geral é produzido. Será que uma simples tela do tamanho de livro tem esse poder? Há bastante gente que acredita nisso.



BILL KELLER, editor executivo do *New York Times*

Longa vida para o papel e a tinta

"Quase tudo o que você disser sobre o impacto do iPad estará ultrapassado em seis meses. O meio está mudando, os aparelhos estão mudando, a criação de conteúdos está mudando e o público está mudando. Aqui no *New York Times*, nossa estratégia é adotar as novas mídias, tanto como uma maneira de criar e apresentar o nosso conteúdo de formas inovadoras, como forma de atingir um público mais amplo na plataforma que eles quiserem. Acreditamos que ainda há uma vida longa para a mídia impressa. O jornal é

conveniente, portátil, barato (você não entra em pânico se esquecê-lo no ônibus), fácil de compartilhar, reciclável, e que proporciona um agradável acaso, o que significa que você tem a alegria de descobrir coisas interessantes que você não esperava encontrar. Ao mesmo tempo, entendemos que o nosso crescimento está no jornalismo online — site, aplicativos móveis e aplicativos projetados para uma variedade de dispositivos: Kindle, notebooks e, sim, o iPad. Nossos colaboradores trabalham com os engenheiros de várias empresas produtoras desses dispositivos, incluindo a Apple, para garantir que possamos oferecer o jornalismo do *Times* no formato mais conveniente e agradável. A chave é ser flexível e receptivo à forma na qual os leitores escolherem ler."



O BRÍNQUEDO

Como é comum nos produtos que têm um i minúsculo na frente do nome, o iPad chama a atenção pelo design minimalista e sexy: as costas são de alumínio e na frente há apenas a tela, uma moldura preta e um botão. Ele é incrivelmente fino (1,3 centímetro) e leve (680 gramas): não pesa na mochila, cabe em uma bolsa grande de mulher e é ideal para ser levado para a cama (ou ao banheiro), podendo ser segurado com apenas uma mão. A conexão com a internet pode ser feita por Wi-Fi ou 3G, de maneira que possa ficar conectado o tempo inteiro.

A tela de LCD de 9,6 polegadas (24,3 cm, ou dois centímetros a menos que a altura desta revista) funciona com gestos multitouch: dá para "pinçar" uma imagem e dar um zoom ou jogar Pong com outra pessoa. Por dentro, o processador não é muito melhor que o de um netbook, e foi feito pela Apple para consumir pouca bateria — ele pode aguentar até 10 horas de vídeo fora da tomada. »



RONALDO LEMOS,
Diretor do Centro
de Tecnologia e
Sociedade da Escola de
Direito da Fundação
Getulio Vargas, RJ

Um passo atrás

"Não acredito que o iPad possa provocar mudanças drásticas na forma como as pessoas se relacionam com a internet. Acho até que ele dá um passo atrás em alguns sentidos. Por exemplo, um computador é desenhado tanto para produção de

conteúdo quanto para acesso.

Nesse sentido, ele é uma via de mão dupla. O iPad não é assim.

Ele é desenhado muito mais para ser um aparelho de mão única.

Ótimo para receber conteúdos, como filmes, jornais e revistas,

mas não tão bom

para produzi-lo."





» Na prática tudo rola absurdamente rápido — talvez porque ele só abra um programa de cada vez, algo bastante criticado. Quando for efetivamente vendido, no fim de março, o iPad virá em seis modelos diferentes: de US\$ 499 (16 GB e wi-fi) a US\$ 829 (64 GB e wif-fi + 3G). Até o fechamento dessa edição a Apple não tinha anunciado o preço no Brasil, mas dá para estimar que o mais barato virá na faixa dos R\$ 1.500.

Por esse preço ou menos você poderia comprar um notebook, com teclado, que permitiria a você trabalhar, por exemplo — ou o Kindle, leitor eletrônico de livros da Amazon.com. Qual a ideia do iPad então?

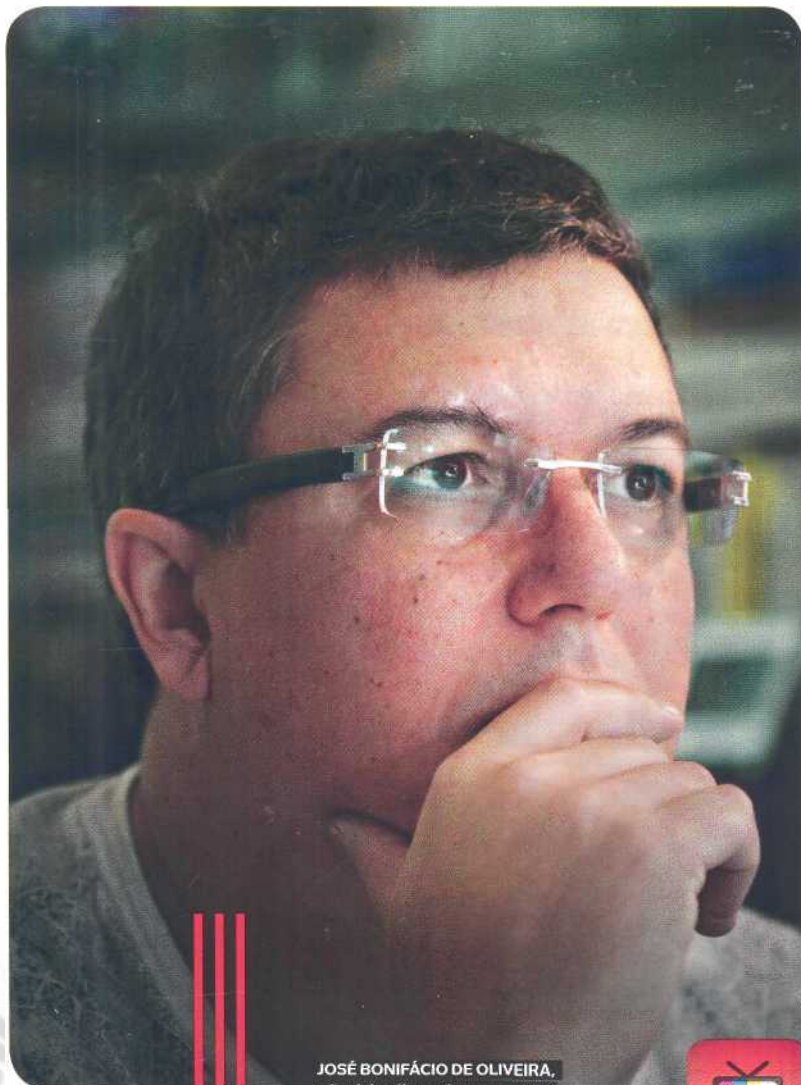


CONTEÚDO

E se a ambição de Jobs for maior do que apenas lançar um gadget grandão e bacana? "O tablet de Jobs não é uma revolução. É a evolução de uma linha bem-sucedida de produtos", afirmou em seu blog Pedro Dória, editor-chefe de conteúdos digitais do Grupo Estado, para depois lançar a seguinte — e polêmica — tese. "Trata-se de uma jogada arrojada que vem de uma estratégia alucinada. Ele, afinal, quer concorrer com a web."

Com o iPad, Jobs pode criar uma espécie de web paralela. Em vez de sites, a ideia é popularizar aplicativos dos mais diversos, uma tendência já consolidada com o iPhone, com mais de 140 mil programinhas disponíveis — os chamados apps — e baixados 3 bilhões de vezes. São aplicativos gratuitos ou que custam poucos dólares e estão mudando radicalmente a maneira de acessar o conteúdo na internet.

Quer procurar um bom restaurante? Deixe o Google de lado e abra um app que separa tudo por estilo de cozinha, cotação de outros usuários, e que mostrará a distância do endereço mais próximo de onde você está. Quer saber se você ronca à noite, em qual intensidade, e o que fazer? Deixe o médico e a Wikipédia de lado e compre um software específico para esse tipo de problema por meros 99 centavos de dólar. E esse ecossistema de aplicativos que turbinaram as funcionalidades do iPhone também rodarão no iPad.



JOSÉ BONIFÁCIO DE OLIVEIRA,
o Boninho, diretor do programa Big
Brother Brasil, da TV Globo



Novela no iTunes

"Acredito que, a princípio, o iPad vai servir mais para livros e filmes. A TV não será prejudicada. Ela já aproveita o iTunes para vender seus produtos. É uma forma de diversificação da programação, infelizmente, no Brasil, o iTunes Store não funciona. Mas, se um dia acontecer, quem sabe a novela das oito vai estar disponível para o consumidor?"

Você acha que cobrar pelo acesso a sites de jornais e revistas pode:*



84% Torná-los menos bem-sucedidos
16% Torná-los mais bem-sucedidos



MILTON HATOUM, escritor,
autor dos premiados livros
Dois Irmãos e Cinzas do Norte

À espera de um maluco japonês

"A boa literatura não depende do suporte. Algo mudará na obra de Kafka ou no Livro das Mil e uma Noites se forem lidos no iPad? Acho que essas novas tecnologias — obceçadas em substituir o livro — podem satisfazer a muita gente, mas não a todos os leitores. O livro não vai acabar. Há nessas novas tecnologias um esforço tremendo no sentido de imitar o livro de papel. Isso demonstra a força do livro tradicional. Talvez iPads, Kindles e outras novidades eletrônicas sirvam para leitores viajantes, ou leitores fascinados pela tela. O limite disso tudo é um chip implantado no ombro do leitor, um chip capaz de armazenar a biblioteca do universo. Telas e suportes não serão mais necessários. Com um comando externo, o chip projeta no espaço as páginas de um livro, qualquer livro. Uma holografia. Mas quando um maluco americano ou japonês inventar isso, eu já estarei do outro lado do espelho."



De onde você
obtem a maior parte
das suas notícias?



46% Sites de jornais
37% Blogs e outros sites
10% Televisão
4% Jornais impressos

Editores de conteúdo que buscam novas formas de ganhar dinheiro em uma época em que tudo é grátis ou facilmente pirateado estão loucos com a possibilidade de ver séries de TV, jornais, revistas, livros ou histórias em quadrinhos em formatos especialmente adaptados para o dispositivo. No iPad, o aplicativo pode ser melhor que a publicação física. Pense em um infográfico bacana que aparece nas páginas de GALILEU: ele poderá ser animado e interativo na versão da revista para o iPad.

Murilo Bussab, diretor de circulação dos jornais do grupo Folha, vê finalmente um possível substituto para o papel. "O iPad já aponta para um caminho que resolve muitos dos problemas dos outros equipamentos disponíveis até hoje (celulares, computadores e e-readers), uma vez que ele mantém três características fundamentais aos jornais: hierarquização/diagramação de notícias, impacto visual e portabilidade."

O aparelho deve mudar o modo de navegar pelas notícias. "O que o iPad pode fazer é ajudar a aprofundar as capacidades interativas e multimídia do jornalismo online, criando uma interface mais amigável, uma forma de navegação mais intuitiva, mais próxima ao que fazemos com os dedos quando mexemos com um produto informativo 'real', e não virtual: abri-lo, mexer com as páginas, tocar nas coisas que nos interessam", afirma o infografista espanhol Alberto Cairo, professor da Escola de Jornalismo e Comunicação da Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.

Livros também deverão fazer sucesso — um aplicativo chamado iBook permite a compra instantânea de milhões de títulos, e uma leitura que simula o virar de páginas e a textura de um livro de verdade. Alguns dizem que a leitura em uma tela que emite luz por horas seguidas pode incomodar — mas como boa parte do público em potencial do iPad passa metade do dia em frente a alguma tela, é difícil ver isso como impeditivo. O tablet da Apple será um dispositivo de leitura extraordinário.

Os livros didáticos também podem passar por uma revolução gradual com a chegada dos novos tablets. A Scrollmotion, »

Facilidade para comprar



"Eu sou músico, mas também sou ouvinte, e fico o dia inteiro na internet, grande parte desse tempo navegando por sites de música e, quando acesso o site de uma banda que tem somente trechos de 30 segundos das músicas, eu não tenho vontade de comprar o disco. Eu fico é bravo e procuro algum link com a música inteira. Não tem muito o que fazer. Hoje em dia, é assim. Ainda por cima no Brasil, onde o iTunes ainda não funciona, então a vontade de ir até uma loja é menor ainda. Em países onde o iTunes rola, é impressionante. Você está ouvindo uma rádio e, quando uma música toca, você está a um clique de adquiri-la por US\$ 0,99. Uma

realidade como essa por aqui com certeza seria ótima para ouvintes e artistas."



LUCAS SILVEIRA, vocalista e
guitarrista da banda Fresno

Arte popular

"As tintas e os pincéis dos artistas não serão afetados, mas o consumo e divulgação de suas obras vão ser modificados com o iPad. Por exemplo, poderei ver um grafite em uma esquina, apontar meu tablet para ele, e descobrir informações sobre aqueles



desenhos, quem fez, como fez, ou passar para os meus amigos e ver o que posso descobrir. Quanto melhor a qualidade dessa rede comunicativa, melhor é para a arte — que sai do domínio dos 'especialistas'. Com as novas tecnologias, essa comunicação será ainda mais sofisticada."

» empresa de software especializada nas plataformas da Apple, fechou um acordo com as maiores editoras de livros educacionais dos EUA para colocar algumas animações em calhamaços chatos de física. As possibilidades são infinitas, até porque mais gente estará pensando em conteúdos interessantes.

Na verdade é até fácil prever o sucesso de livros, jornais e revistas no iPad. Difícil é imaginar o que virá além disso: haverá bastante espaço para quem, literalmente, pensar fora da caixinha. "Nós achamos que o iPad pode mudar o jogo, possibilitando-nos criar formas de conteúdo essencialmente novas", afirma Bob Iger, diretor da Disney, que recentemente comprou a Marvel Comics. O que seria um conteúdo diferente? Iger cita uma demonstração de um aplicativo da ESPN, onde junto do placar da rodada é possível conversar com outros telespectadores, fazer apostas, assistir a vídeos de melhores momentos e jogar uma simulação na qual você é o técnico.

Pense nas possibilidades de um aplicativo interativo de Lost. Ou não pense, porque sua cabeça pode explodir.



NOVOS PRODUTORES

Por US\$ 99, qualquer um pode comprar um kit de desenvolvimento para o iPad ou iPhone e criar uma espécie de barraquinha na loja do

iTunes, ganhando 70% do dinheiro conseguido nas vendas (a Apple fica com o resto). É um comércio simples e direto, e há algumas histórias de desenvolvedores que ganharam centenas de milhares de dólares com programas feitos por três pessoas. Ganhará mais quem souber explorar melhor o meio. E haverá espaço para todos.

Pense, por exemplo, em vídeos. Na tela menor do iPad, talvez épicos como *Avatar*, melhores em grandes TVs ou cinema, não façam tanto sucesso quanto uma sitcom criada por nerds sobre RPGs online. "O iPad pode vir a popularizar um formato específico, com uma qualidade melhor de imagem. Penso em curtas e médias de 15 a 20 minutos", afirma Jorge

BAIXO RIBEIRO, fundador da galeria de arte contemporânea Choque Cultural, em SP



Você faria download de cópias pirateadas de livro se tivesse acesso a elas?



55% Sim
45% Não

Furtado, diretor de filmes como *O Homem que Copiava* e *Saneamento Básico*.

Começa a fazer sentido a revolução? De repente haverá espaço para autores iniciantes de gibis sem editora, jornais de bairro ou de faculdade, jogos de tabuleiro transportados para uma tela de toque... Pessoas ganhando dinheiro e notoriedade com conteúdo novo e inovador. Mas há de existir algo de ruim nessa história.

Ronaldo Lemos, professor do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV do Rio, vê um possível lado nefasto dessa web paralela. "Com o aparelho, a Apple quer fazer para toda a indústria cultural o que ela fez com a música: organizar o mercado de distribuição digital. É uma estratégia muito ambiciosa, que daria imenso poder à Apple. Mas o risco é grande. Se for bem-sucedida, vai criar uma concentração de poder imensa." Há algumas semanas, o *Wall Street Journal* afirmou que havia um risco enorme de a Apple virar a nova monopolista do mal, como a Microsoft.

FERNANDO MEIRELLES, diretor dos filmes *Cidade de Deus* e *Ensaio Sobre a Cegueira*



No escurinho do cinema

"Prefiro pensar que o espectador de cinema estará numa sala escura atento ao que está assistindo e compartilhando a

experiência com quem está ao lado. O iPad parece mais adequado a formatos mais rápidos, imagens para consulta, jornalismo, publicidade. Coisas que podemos assistir com apenas 15% do cérebro focado. Torço para que os bons filmes continuem sendo exibidos em boas salas e telas grandes."



O bom jornalismo virá sempre antes

"Acredito que a coexistência entre mídia impressa e digital ainda existirá por algum tempo. Na realidade, não ligo muito para como será essa nova plataforma de conteúdo. Mas em produtos como o iPad, aplicativos e ferramentas podem tornar a leitura digital algo ainda mais empolgante: você poderá de fato 'participar' de uma reportagem e ter à disposição vários recursos multimídia extras. Em alguns casos, porém, ler uma revista impressa continuará sendo mais confortável. Costumo dizer que a *Wired* é um movimento e não uma revista, e os nossos leitores são, antes de tudo, nossos seguidores. E com uma ligação tão forte como essa, não devemos ter medo dos dispositivos di-

gitais, pois eles tornarão ainda mais forte essa relação. O que importa é que o bom jornalismo, aquele que ajuda as pessoas a construir um mundo melhor, jamais morrerá. Pelo contrário, ele será cada vez mais importante."



RICCARDO LUNA, diretor de redação da Wired Italia

Você faz downloads de filmes ou programas de TV pirateados via torrent?



46% Sim, frequentemente
26% Só se eu não conseguir ter acesso fácil ao original
20% Nunca fiz



E NO BRASIL?

Para toda essa revolução dar certo, é preciso que o iPad venda um bocadinho no mundo. É possível imaginar isso nos EUA, onde haverá novos nichos de mercado e gente com grana suficiente para gastar. Mas e no Brasil? Quantos trocarão o jornal de R\$ 2,50, a revista de R\$ 9,90 e os DVDs piratas da esquina por um brinquedo bem carinho? "Com os impostos que pagamos em aparelhos eletrônicos, acho muito difícil o iPad se tornar um produto muito consumido. Se temos pouco mais de 200 mil iPhones 'oficiais' no Brasil, quantos iPads teremos? A circulação dos veículos impressos atinge aqui muitos milhões de pessoas", afirma Saulo Ribas, diretor de criação da Editora Globo.

Há, é claro, a questão da segurança. Clóvis de Barros Filho, professor de Comunicação na USP, questiona o benefício teórico

de "poder levar para qualquer lugar" do iPad: "você abriria o seu iPad no meio do Terminal Bandeira [no centro de São Paulo], ou na calçada, esperando o farol abrir?"

Além de tudo isso, no Brasil ainda falta um bocadinho de conteúdo disponível para comprar online. Não há uma loja grande de livros em formato digital ou sites que ofereçam músicas e vídeos a preços decentes. "Infelizmente, a iTunes Store ainda não funciona aqui. Mas, se um dia acontecer, quem sabe a novela das oito vai estar disponível ali", diz Boninho, diretor de programas como *Big Brother Brasil* e *Mais Você*, da TV Globo.

É difícil acreditar que o Brasil não resolverá ao menos alguns desses problemas, como a distribuição de conteúdo digital, para poder acompanhar a evolução tecnológica que rola no resto do mundo. E pode ser até que adotemos alguma prancheta mais barata que a da Apple, como as que Microsoft e Google estão preparando. Não importa: o futuro que Steve Jobs chamou de início da "computação mais que pessoal, íntima", chegará inevitavelmente. Os descrentes podem não entender muito bem o que está prestes a acontecer agora, mas você aí em 2014, que está lendo a sua coleção de GALILEU no iPad de quarta geração, sabe que essa é uma discussão do passado pré-revolução.